

Todo Preto: poesia completa de 1977 a 2020

Ricardo Silva Ramos de Souza

Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora - Minas Gerais - Brasil
risoatellie@gmail.com

Resenha da obra: SEMOG, Éle. **Todo Preto: poesia completa de 1977 a 2020.** Salvador: Ogum's Toques Negros, 2024.

O ano de 2024 marca o lançamento de *Todo Preto: poesia completa de 1977 a 2020*, do escritor Éle Semog, pseudônimo de Luiz Carlos de Amaral Gomes, nascido em 7 de dezembro de 1952, em Nova Iguaçu (RJ). Semog é um dos nomes mais representativos da geração de autorias negras que despontou no final dos anos 1970, geração que alinhou literatura e militância política no movimento social negro contra a discriminação racial. O registro de sua trajetória literária encontra-se nesta obra, editada pela editora soteropolitana Ogum's Toques Negros, com posfácio de Silvio Roberto de Oliveira e nota do autor. A publicação reúne poemas dos livros de Éle Semog, as participações na série *Cadernos Negros* e antologias essenciais para a sedimentação das autorias negras na literatura brasileira, casos de *Axé - Antologia de poesia negra brasileira*, organizada por Paulo Colina em 1982, por descuido, grifada erroneamente; *Poesia Negra/Schwarze Poesie*, edição bilíngue português-alemão e lançada na Alemanha, sob a organização de Moema Parente Augel em 1988; e *Quilombo de palavras*, de 2000, tendo Jônatas Conceição e Lindinalva Barbosa como organizadores.

Sobre a sua experiência, Éle Semog traça um panorama englobando vida literária, luta política, sua abordagem interseccional para o trabalho estético e as encruzilhadas atravessadas pelo poeta, pelo sujeito e pela sociedade brasileira em uma ordem marcada pela discriminação racial e escorada na branquitude. Segundo Semog, o livro

Foi editado com ênfase nos temas que tratam da exploração humana, intrínseca na relação trabalho-capital, incluindo aí, o trabalho de escravizados por quase quatro séculos no Brasil e do proletariado. O amor, nas suas dimensões solidárias, afetivas e econômicas, ora permeado por sinceras entregas, noutras angustiado e avassalador na razão das paixões. E o racismo e o preconceito

racial, causa de lutas viscerais e heroicas por justiça, mas também de tantos sofreres provocados pela tortura, violência e pelos assassinatos de mulheres e jovens negros, alimentado pelo Estado e pela sociedade, principais agentes de uma afasia que os tornam coniventes com tais graus de bestialidade (Semog, 2024, p. 285).

Os poemas revelam para o leitor uma ampla abordagem temática, demonstram um poeta preocupado, desde o seu início, em não excluir categorias, como raça e classe, o cuidado com a subjetividade de um homem negro e suas relações intergêneros, e uma indignação visceral diante das injustiças da história brasileira quando se refere à população negra, tanto no passado escravocrata quanto sob ditadura ou durante a redemocratização. Seus poemas também apresentam outro momento, pós-democracia racial, quando o governo brasileiro assume os problemas e desigualdades oriundos dos racismos estrutural, institucional e religioso, assim como tratam de novos tempos e outros desafios com o surgimento das leis de cotas e as metamorfoses da repressão racista no século XXI.

Todo Preto: poesia completa de 1977 a 2020 insere-se em uma mudança de perspectiva do mercado editorial brasileiro em relação às autorias negras ao resgatar publicações do século passado há décadas fora de catálogo, muitas delas com tiragens reduzidas, jamais reeditadas, muito mais mencionadas do que lidas. No caso de Éle Semog, tem-se a oportunidade de ler os poemas dos livros publicados em parceria com José Carlos Limeira, *O arco-íris negro* (1978) e *Atabaques* (1983), ou antologias como *Incidente normal* (1977) e *Ebulição da escrituratura* (1978). Acompanhando esse movimento, outras editoras negras como a Ogum's Toques Negros investiram em reedições, casos da Editora Malê, com o relançamento das obras poéticas *Balé das emoções* (2021[1993]) e *Terceiro Filho* (2022[1979]), de Geni Guimarães.

Já a Ciclo Contínuo Editorial com *Poesia reunida* (2020), de Paulo Colina, obra que contém os três livros de poesia desse autor publicados na década de 1980; *Luz & breu: antologia poética 1958-2017*, de Oswaldo de Camargo, e o livro *Memória da noite revisitada e outros poemas* (2013[1978]), de Abelardo Rodrigues. Deste autor, em 2016 a editora Córrego lançou a antologia *Atlântica dor: poemas 1979-2014*. Essa movimentação, assim como a aplicação da lei 10.639/2003, impulsionou grandes editoras ou que não são focadas em autorias negras, ou temáticas negro-brasileiras, a editar publicações como as antologias de outros nomes significativos entre autorias negras contemporâneas a Éle Semog, com os exemplos de *Poemas reunidos* (Círculo de Poemas, 2022), de Miriam Alves, e *Ritmo humanegrítico* (Companhia das Letras, 2024), de Cuti. Destacam-se, ainda, os lançamentos ou reedições de escritores de gerações anteriores realizado pela Companhia

das Letras com as obras de Oswaldo de Camargo, *O carro do êxito* (2021 [1972; 2016]), *30 poemas de um negro brasileiro* (2022, edição ampliada de *15 poemas negros* [1961]) e *A descoberta do frio* (2023 [1979; 2011]); de Carlos de Assumpção, *Não pararei de gritar: poemas reunidos* (2020); e *Casa de alvenaria - volumes 1: Osasco* (2021), *Casa de Alvenaria - volume 2: Santana* (2021) e *O Escravo: Romance* (2023), títulos de Carolina Maria de Jesus.

O pequeno levantamento acima revela a relevância da geração de Éle Semog e suas publicações nas décadas de 1970 e 1980 para a consolidação de uma vertente literária negro-brasileira, assim como o resgate da geração anterior, de Camargo, Assumpção e de Jesus. Porém, necessário frisar a década de 1970 como um momento de definição para as autorias negras brasileiras ao alinhar um compromisso ético, político e estético em prol de criações literárias focalizadas na consciência de si e nos embates com a linguagem dentro de uma formação social escravista (Sodré, 2017). Nessa perspectiva, essas autorias assumem o sujeito étnico negro-brasileiro, segundo Cuti (2009), e passam a utilizar uma prática discursiva em seus textos tentando tanto o coletivo quanto o individual, trabalhando as suas vivências nos planos ideológico, social, histórico e psicológico. Investiram, assim, em um “humanismo radical, incorporador de outras alteridades” (Cuti, 2009, p. 94) diante da irracionalidade do racismo, estimulando as autorias negras a tomarem a decisão de se defender e assumir o tempo presente como seu grande desafio.

Esse tipo de questionamento enquadra-se no que Cuti (2009, p. 95-96) sinaliza como a busca de libertação das certezas impostas pela ordem vigente ao pôr em dúvida os “monopólios de interpretação”. As inquietações do sujeito étnico acontecem desde o século XIX com as “estratégias de caramujo” de Machado de Assis para desvelar a branquitude de sua época, conforme demonstra Eduardo de Assis Duarte (2007). Na República Velha, o posicionamento de Lima Barreto em “O destino da literatura”, quando critica o beletrismo e as referências a matrizes europeias de seus contemporâneos, propondo, por outro lado, uma literatura de compreensão às diferenças, de amor mútuo e de “natural sentimento de solidariedade (...), de fraternidade e de justiça” (Barreto, 1956, p. 67-68).

Já no Brasil da Segunda República, em 1958, os poemas “Grito de angústia”, de Oswaldo de Camargo, e “Não pararei de gritar”, de Carlos de Assumpção, em *Cadernos de Cultura da ACN*, publicação da paulistana Associação Cultural do Negro, começam a trazer, em suas dicções distintas, um engajamento próximo ao do movimento francês Négritude e à turbulência dos processos de libertação colonial na África no decorrer da década de 1950. Temos, ainda, a indignação com os intelectuais explicitada por Carolina

Maria de Jesus em seu segundo livro, “Casa de Alvenaria”, de 1961, quando a crítica literária insistia em amarrá-la ao exótico, de ser uma favelada, negra e pobre que, por acaso, escrevia. Carolina rebatia essas críticas, lutando para que fosse reconhecida como escritora, o que, de fato, era. Isso motivou a elaboração da metáfora da descoberta do insólito por Mário Augusto Medeiros da Silva (2020), que compreende a recepção da crítica literária diante do surgimento de autorias negras, como a referida de Jesus, a série *Cadernos Negros* em 1978 e a literatura periférica, ao final do século XX.

Diante do exposto, qual teria sido a mudança incorporada pela geração de Éle Semog durante a década de 1970? A radicalização do discurso, ou o que o escritor e crítico transgressor Arnaldo Xavier (2011) conceituou como uma poesia de *contralalmúria* das autorias negras. A força do contexto de violência da ditadura civil-militar exigia um posicionamento mais incisivo frente ao racismo, à ditadura e ao ambiente literário. Semog e seus pares, até então espalhados pelo Brasil, mas agrupados a partir das rearticulações do movimento negro naquela década passaram a estreitar laços e trocar informações sobre a literatura brasileira, buscando uma nova linguagem inspirada no mundo negro. De forma inédita, iniciou-se um processo criativo ao atrelar literatura e seu cânone, combate ao racismo, revisão da história brasileira, embates com a esquerda e a luta mais ampla, pluralismo religioso, disputas de gênero dentro do movimento negro, entre outras questões.

A trajetória de Éle Semog desde a década de 1970 uniu militância política e militância literária, deslocando-se por diferentes classes e do centro à periferia, levando a poesia e suas ideias políticas até a presídios, agindo nos subúrbios do Rio de Janeiro, atuando como diretor do Grêmio Recreativo e Bloco Carnavalesco Passa a Régua, de Bangu, bairro onde morou, às ações sociais e culturais de grande sucesso do grupo Garra Suburbana no teatro Armando Gonzaga, em Marechal Hermes, “devidamente censuradas”, como diz seu relato em “A vida das minhas utopias” (Semog, 2020, p. 59-66). O Garra Suburbana ainda publicaria, em edição mimeografada, *Incidente normal*, representando a estreia literária do autor em 1977.

A vida literária seguiu com os grupos Bate-Boca de Poesia e Negrícia – poesia e arte de crioulo, neste já ao lado do saudoso amigo e escritor José Carlos Limeira (1951-2016), com quem publicou *O Arco-íris negro* (1978) e *Atabaques* (1983). Em 1978, ainda participaria da antologia *Ebulição da Escrivatura - treze poetas impossíveis*, no qual o prefácio-manifesto, assinado pelo poeta Salgado Maranhão (1978, p. 9-10), expõe as críticas

ao formalismo do concretismo, considerado elitista e distante dos problemas sociais. Maranhão exalta aquele grupo de poetas surgidos sob o “signo da repressão”, realizadores de uma “poesia reflexiva e bastante consciente quanto ao uso da palavra”, trazendo, cada um a seu modo, “uma visão transformadora de mundo”, sedimentada por “vários anos de sufoco e emoções acumuladas”.

Ainda no mesmo ano, desponta, talvez, a maior contribuição para a literatura de autorias negras com a construção de método, metodologia e epistemologia realizada pela série paulistana *Cadernos Negros*. A série trouxe uma prática quilombola de publicação por meio de autofinanciamento coletivo, as discussões coletivas sobre os textos a serem publicados, os prefácios-manifesto, as autoapresentações para demonstrar a compreensão de literatura de cada participante, e, por fim, os poemas ou contos das autorias negras de cada volume. Essa prática de desenvolvimento de teoria e de criação literárias foram fundamentais, pois revelaram as insuficiências da crítica acadêmica e explicitaram novas formas para o fazer literário brasileiro, e ainda contribuíram para o desenvolvimento criativo de cada autoria, processo, porém, árduo e com algumas rupturas e cicatrizes entre os participantes ao longo do tempo.

A literatura brasileira, desde então, passa a se encontrar na encruzilhada diante da nova dicção exposta em *Cadernos Negros*. Renova-se nossa literatura com as dimensões ideológicas e ontológicas do sujeito étnico negro-brasileiro, respeitando as diferentes subjetividades, as diversas existências sob o ponto de vista negro. Como legado, dois livros de crítica literária muito importantes: *Reflexões sobre literatura afro-brasileira* (1985), do Quilombhoje, grupo mantenedor de *Cadernos Negros* em boa parte de sua existência, e *Criação Crioula, nu elefanta branco* (1987), o qual oferece um amplo painel de autorias negras brasileiras, fruto do primeiro Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, ocorrido em São Paulo, no ano de 1985. O evento ainda teria mais duas edições, no Rio de Janeiro e em Petrópolis, em 1986 e 1987, ambas organizadas por Éle Semog.

Nesse processo, teorias inovadoras, muitas vezes inspiradas em Exu, o orixá da comunicação (Sodré, 2017), trouxeram uma linguagem sedimentada em elaborações contraestilísticas como suplementares à literatura brasileira. Assim, passamos a ter o que Arnaldo Xavier (2011, p. 210) definiu como uma linguagem de sentido quizilista, gesto xangótico, sugestão ebólica, careta quilombista e escrita exusíaca.

A publicação de *Todo Preto: poesia completa de 1977 a 2020*, de Éle Semog, traz à leitora a escrita exusíaca desse poeta negro-brasileiro e a maneira como, sob o signo da encruzilhada, refaz, de forma espiralada, os sentidos consagrados de imagens e palavras

comuns ao repertório da literatura brasileira, e ainda denuncia a pilhagem epistêmica (Freitas, 2016) que subtraiu ou se apropriou dos saberes indígenas, africanos e negro-brasileiros. A organização dos poemas em ordem cronológica retrata as pautas políticas, sociais e raciais dos debates brasileiros nas últimas décadas e ajudam a mostrar as contradições, os avanços e os conflitos do movimento negro. A poesia de Semog também abarca o lirismo, a busca pelo sensível, a subjetividade do homem negro em seus dramas, anseios, conquistas e decepções no campo amoroso.

O vasto campo temático de sua poesia é baseado em características formais que privilegiam a versificação livre, muitas vezes em uma linguagem coloquial, mas sem desprezar o labor com que usa figuras de construção, como a inversão e a anáfora; figuras de pensamento, casos da ironia, antítese, gradação, paradoxo e hipérbole; figuras de palavras, como a metáfora, alegoria, metonímia e comparação; e figuras de som, como assonância e aliteração. A escrita exusíaca de *Éle Semog* define-se direta, intensa, desestruturando as certezas do imaginário social e da literatura brasileira, valendo-se de uma ironia desconcertante, explicitando o seu compromisso político, ético e estético, como em “Outras notícias”:

Não vou às rimas como esses poetas
que salivam por qualquer osso.
Rimar Ipanema com morena é moleza,
quero ver combinar prosaicamente
flor do campo com Vigário Geral,
ternura com Carandiru,
ou menina carinhosa / trem pra Japeri.
Não sou desses poetas
que se arribam, se arrumam em coquetéis
e se esquecem do seu povo lá fora (Semog, 2024, p. 249).

No poema acima, o sujeito étnico negro-brasileiro do poema investe na metalinguagem para ironizar as antíteses presentes nos versos, demarcando os territórios periféricos ausentes de beleza segundo o pensamento dominante, e, por acaso, territórios de maioria negra. A potência do poema encontra-se na consciência de si e no desejo de se direcionar para um coletivo com o qual se identifica, mas esquecido pela poesia canônica. “Outras notícias” configura-se, como boa parte da obra de Semog, como um poema-ação: insubmisso, de enfrentamento, de conscientização, de como a linguagem pode e deve ser transformadora, investindo nas contradições do cânone e na tensão para expor os paradoxos e as ambiguidades das relações étnico-raciais brasileiras. O poema-ação cresce na encruzilhada, no diálogo com o cânone, ora nele se inserindo, ora o negando; mostra sua potência na abertura ininterrupta para outros mundos possíveis, inclusivos e diversificados. O poema-ação, em sua escrita exusíaca, não renega a fonte do cânone, bebeu em

Drummond, João Cabral e Ferreira Gullar, como o próprio Éle Semog (2024, p. 7) nos apresenta na epígrafe do livro, mas ressalta que “não chegou a se envenenar”.

Na abertura para a diversidade brasileira, o sujeito étnico aspirou outros reinos das palavras e, ao questionamento de “Trouxestes a chave?”, de “Procura da poesia”, poema de Drummond, desvelou, por outro lado, “A chave da cor brasileira”, baseada, para o povo negro, na solidariedade inquestionável, a principal ameaça para a fragmentação estimulada pela ideologia do branqueamento e pela democracia racial:

Todos os dias, a vida inteira,
 uma razão interior, harmoniosa,
 que herdei de gente da minha gente,
 e veio por séculos a fio da meada,
 me conduz e anuncia,
 sem ser oráculo ou magia,
 que sou vida porque sou negro,
 que sou pleno porque sou negro,
 que sou feliz porque sou negro.
 Em toda a minha volta,
 na versão dos outros,
 na exclusão, no sofrimento,
 no preconceito esplêndido
 nada de mim pode Ser
 além do branco, o possível.
 E todos os dias me espreitando,
 esperando chegar alguma dor,
 ou ruptura no fio da meada,
 uma outra razão turva e pesada,
 insinuada e despudorada
 oferece uma das chaves
 que abre o mundo dos brancos...
 É para eu entrar, mas sozinho
 e lá poderei ser pitoresco e faceiro,
 desde que deixe os meus no caminho
 e tranque para sempre o negro
 que também sou, fora de mim (Semog, 2024, p. 243).

A travessia de 43 anos de poesia representada em *Todo Preto* demonstra um projeto literário consistente, inovador e necessário para a poesia brasileira. O acesso à poesia completa de Semog revela algo já explicitado pelo crítico literário e escritor Oswaldo de Camargo em 1978, quando prefaciou “O Arco-íris negro” e afirmou que tanto Éle Semog quanto José Carlos Limeira eram “dois poetas sem equívocos”. Os poemas-ação de *Todo Preto* representam a poesia negra em constante transformação, resistente e persistente. Por fim, o sujeito étnico valendo-se da repetição anafórica em “Ponto histórico” para escancarar o seu engajamento e pertencimento contra todos os tipos de pilhagens usurpados da população negra, contra o silêncio e os apagamentos da história oficial brasileira:

Não é que eu seja racista...
 Mas existem certas coisas

que só os NEGROS
entendem.
Existe um tipo de amor
que só os NEGROS
possuem,
existe uma marca no
peito
que só nos NEGROS
se vê,
existe um sol
cansativo
que só os NEGROS
resistem.
Não é que eu
seja racista,
mas existe uma
História
que só os NEGROS
sabem contar
... que poucos podem
entender (Semog, 2024, p. 18).

Todo Preto: poesia completa de 1977 a 2020 confirma a coerência, inventividade, coragem e sutileza de Éle Semog na construção de seu projeto poético. Trata-se de um livro necessário para a literatura brasileira e para a compreensão das mudanças dos debates/embates em torno das relações étnico-raciais no Brasil.

Referências

- BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: BARRETO, Lima. **Impressões de leitura**: Crítica. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 51-69.
- CAMARGO, Oswaldo. Dois poetas: sem equívocos. In: SEMOG, Éle; LIMEIRA, José Carlos. **O arco-íris negro**. [s.l.]: Edição dos Autores, 1978. p. 11-15.
- CUTI. **A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FREITAS, Henrique. **O arco e a arkhé**: Ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Machado de Assis afrodescendente**: escritos de caramujo [antologia]. 2. ed. rev. e ampl. Organização, ensaio e notas de Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.
- MARANHÃO, Salgado. Todos por um e um por todos. In: SEVALHO, Gil et al. **Ebulição da Escritura**: Treze poetas impossíveis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 9-10.
- SEMOG, Éle. **Todo Preto**: poesia completa de 1977 a 2020. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2024.

SEMOG, Éle. A vida das minhas utopias. In: SEMOG, Éle. **A Galinha Garnisé e outros Eusébios de Queirós: Racismos na sociabilidade brasileira**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. p. 59-66.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da Silva. **Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020)**. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2023.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

XAVIER, Arnaldo. Dha Lamba à Qvizila. A busca dhe hvma expressão literária negra. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 4 v. História, Teoria, Polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 199-214.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Silva Ramos de Souza é doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Recebido em 07/01/2025

Aceito em 21/07/2025